

Sumário

Dossiê Elfriede Jelinek (2012-2024)

- 13 **Dossier Elfried Jelinek**
Org.: Anabela Mendes
- 27 **A cidadã Elfriede Jelinek e o Terror das Guerras**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 36 **A censura gera monstros**
Julya Rabinowitch, Tradução Anabela Mendes
- 38 **Jamais Um Ou O Outro**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 44 **Die Schutzbefohlenen (Os Protegidos)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 105 **Textos subsidiários se Elfriede Jelinek como expansão de Os Protegidos. Os Protegidos. Apêndice.**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 127 **Os Protegidos. Coda.**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 145 **Os Protegidos. A defesa da Europa. Cresce agora por aí fora! (Epílogo no terreno)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 173 **Os Protegidos. Fim.**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 178 **Os Protegidos. Filémon e Baucis.**
Elfriede Jelinek, Tradução e notas Anabela Mendes
- 191 **Ensaio de Jelinek para uso quotidiano**
Tradução Anabela Mendes
- 197 **Moda**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 200 **Ungeduldetes, ungeduldiges Sichverschließen (ach, Stimme!)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes

- 203 **Sofro com quem tem medo**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 205 **Anotação para o drama secundário**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 208 **A propósito de “Carnival of Souls”**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 210 **É falar e sair**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 216 **O drama parasitário**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 223 **Escrita Dramatúrgica para *Os Protegidos***
Tradução Anabela Mendes
- 229 **Que país é este que nos acolhe e nos repele?**
Anabela Mendes
- 231 **Entre o Pedro e mim**
Anabela Mendes
- 237 **Texto dividido pelos actores como ensaio de resposta e contra-resposta na formação da coralidade**
Pedro Alves, Anabela Mendes e Maria Carneiro
- 239 **Os Protegidos de Elfriede Jelinek**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 247 **Diário de Transbordo**
Pedro Alves
- 328 **Uma memória descritiva da cenografia d'OS PROTEGIDOS de Elfriede Jelinek, encenação de Pedro Alves, uma produção *teatromosca***
Pedro Silva
- 331 **Estudo para a cenografia. Desenhos.**
Pedro Silva
- 336 **Estudo para a cenografia. Maquete.**
Pedro Silva, Catarina Lobo

- 339 **Desenho de luz**
Carlos Arroja
- 350 **Vivo numa época que chama a escuridão de luz ou
Fazer amor com as palavras**
Rita Morais
- 354 **Os Figurinos d' "Os Protegidos", de Jelinek e encenação de Pedro Alves**
Catarina Graça
- 359 **Saber o que não sabemos**
Maria Carneiro
- 365 **Texto e imagens de divulgação do espetáculo Sobre o proteger e o
suplicar – "Os protegidos" de Elfriede Jelinek**
Anabela Mendes, Maria Carneiro e Pedro Alves
- 377 **Os Protegidos de Elfriede Jelinek. Produção *teatromosca*, 2023**
Teatromosca
- 379 **A Morte e a Donzela - I (*Branca de Neve*)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 388 **A Morte e a Donzela - II (*A Bela Adormecida*)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 396 **A Morte e a Donzela - III (*Rosamunda*)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 407 **A Morte e a Donzela - IV (*Jackie*)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 425 **A Morte e a Donzela - V (*A Parede*)**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 445 **A Princesa no mundo inferior**
Elfriede Jelinek, Tradução Anabela Mendes
- 450 **Entrevista RTP2**
Programa *Literatura Aqui*
- 452 **A Morte e a Donzela - Montagem**
João Maio Pinto

- 497 *A Morte e a Donzela I - V* (Lisboa, 2015 - Almada, 2018)
Alexandre Pieroni Calado, Paula Garcia
- 528 *A Morte e a Donzela, de Rogério de Carvalho: crítica genética, arquivo das artes performativas e a prática como pesquisa*
Alexandre Pieroni Calado
- 545 *Entre a luz e as trevas. Variações sobre A morte e a donzela de Elfriede Jelinek*
Vera San Payo de Lemos
- 552 *Vozes, porta-vozes, mensageiros. Conceitos da estética teatral de Elfriede Jelinek*
Vera San Payo de Lemos
- 568 *Tesoura invisível - objecto imprescindível. Aproximações a Elfriede Jelinek*
Anabela Mendes
- 588 *Seja quem for e por quem for. Dueto performático*
Anabela Mendes, Pedro Alves
- 601 *Onde começa e acaba uma princesa?*
Anabela Mendes
- 605 *Da intransparência do ser e de como ele se desoculta. O batimento cardíaco em Elfriede Jelinek*
Anabela Mendes
- 623 *A serenidade por que elas anseiam nos intervalos da respiração em A Morte e a Donzela de Elfriede Jelinek*
Anabela Mendes
- 635 *O giz, o linóleo e a parede – breves considerações sobre uma cartografia do salto em A parede de Elfriede Jelinek*
Anabela Mendes
- 650 *Todas as emoções fazem do corpo um teatro Büchner, Müller e Jelinek. Breves travessias de fundo e uma lateralidade*
Anabela Mendes
- 667 *Refletir com Jelinek. Para a Água Negra - Elfriede Jelinek Breves travessias de fundo e uma lateralidade*
Anabela Mendes

- 671 Breves notas sobre outras encenações de obra de Elfriede Jelinek
- 673 Primórdios em torno de 2021 com Capital Fuck - Os contratos do comerciante. Uma Comédia Bancocrática para a ribalta
Encenação de Emanuel de Sousa. Tradutora Helena Topa
- 677 Capital, valores, acções - Na tua cara, na tua cara
Maria Carneiro
- 681 Outras traduções para português da obra de Elfriede Jelinek
-

Ideias e críticas

- 685 Entretelas pandêmicas: Aventuras autobiográficas com uma turma de Interpretação Teatral 1 à distância
Adriana Lodi e Fernando Pinheiro Villar
-

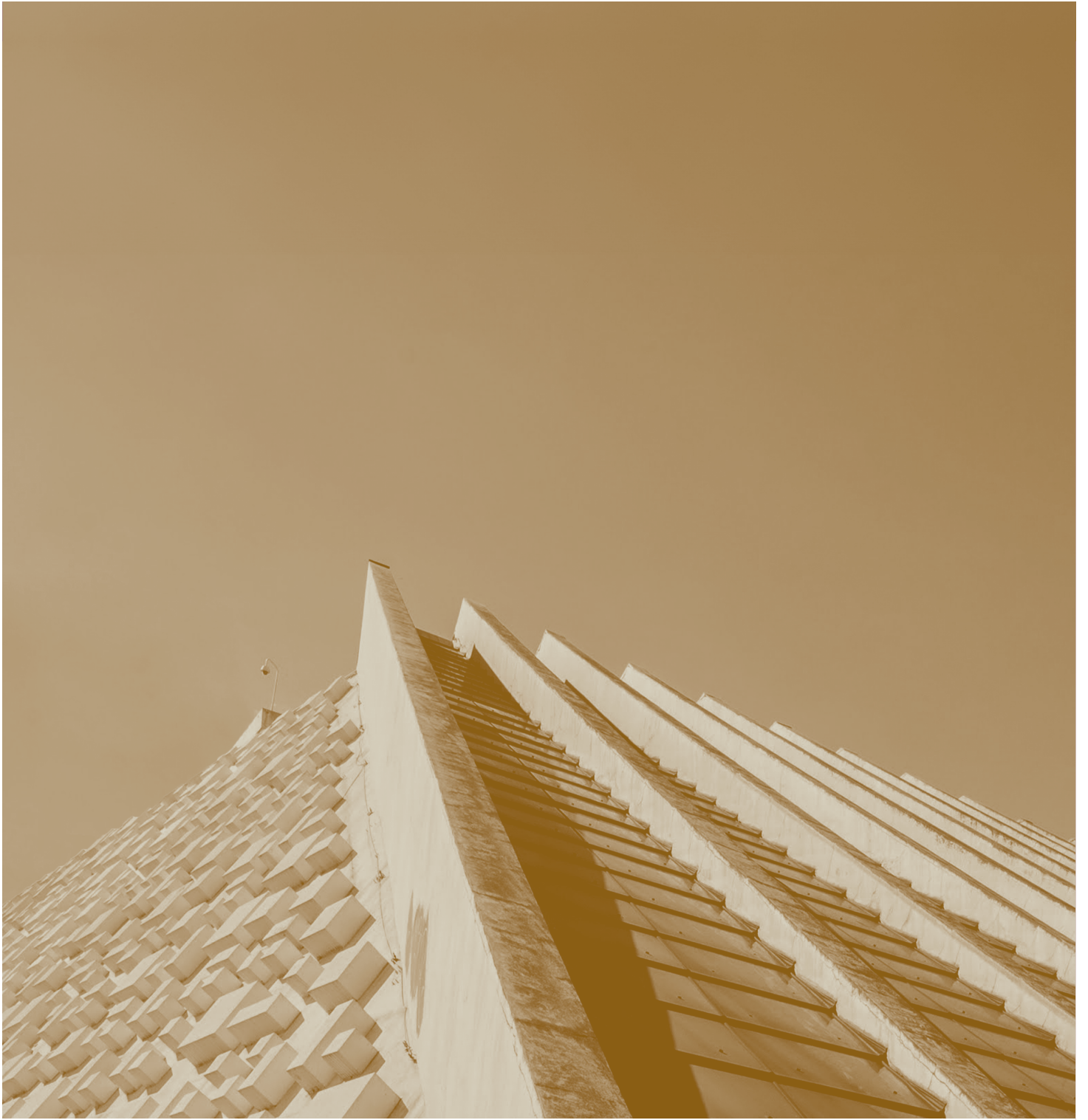
Textos e versões

- 708 R. U. R. ROBÔS UNIVERSAIS ROSSUM. Um melodrama fantástico em três atos e um epílogo
Karel Čapek. Tradução Carlos Alberto Fonseca
- 832 Sete crianças judias - uma peça por Giza
Caryl Churchill. Tradução Fernando Villar
-

Musicografias

- 848 A canção perfeita. Ciclo de canções para voz e piano
Marcus Mota
-

Lista de realizações do LADI-UnB



Dossiê

Elfriede Jelinek

Dossiê

Dossiê Elfriede Jelinek¹

Org.: Anabela Mendes

Resumo

Conjunto de textos em torno de diversos aspectos da produção artística do dramaturgo e romancista austríaca Elfried Jelinek, prêmio nobel de literatura em 2004.

Palavras-chave: Dramaturgia, Elfried Jelinek, Coralidade.

Abstract

A collection of texts on various aspects of the artistic production of the Austrian playwright and novelist Elfried Jelinek, winner of the Nobel Prize for Literature in 2004.

Keywords: Dramaturgy, Elfried Jelinek, Choralilty.

1 Nota do Editor da *Revista Dramaturgias*: Este conjunto de textos é resultado de um esforço coletivo captaneado pela professora, pesquisadora e tradutora Anabela Mendes, da Universidade de Lisboa. Para que as especificidades da edição do dossiê sugerida por seus autores fosse respeitada, ele aqui se apresenta como um arquivo único.

Anotações que inspiram o dossier

- Conceber, organizar, desenvolver - Anabela Mendes, Maria Carneiro.
- Juntar e associar obra de Elfriede Jelinek presente em www.elfriedejelinek.com
- Seguir imagens seleccionadas pela autora.
- Apor-lhe outras imagens.
- Trabalhar, sob a forma de ensaio, produção literária de Elfriede Jelinek - Alexandre Pieroni Calado com e sem Paula Garcia, Ângela Orbay, Vera San Payo de Lemos, Pedro Alves, Anabela Mendes e Pedro Silva.
- Montar e desmontar imagens e outras coisas mais - João Maio Pinto, João Ferro Martins, Pedro Silva, Carlos Arroja, Maria Carneiro, Anabela Mendes, Rita Morais, Catarina Graça.
- Encenar - Pedro Alves, Alexandre Pieroni Calado, Nuno Carinhas, Emanuel de Sousa.
- Escolher créditos fotográficos de © Catarina Lobo, © Sebastião Salgado, © Nuno Felix da Costa, © João Maio Pinto, © João Pedro Leal, © Hugo Martins
- Traduzir e editar obra de Elfriede Jelinek em Portugal.

Apontamento bio-bibliográfico e nomeação de co-criadores

Nascido em Lisboa, em 1975, **Alexandre Pieroni Calado** é licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema (Instituto Politécnico de Lisboa), mestre em História e Filosofia da Ciência pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e doutor em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes (Universidade de São Paulo). Dirigiu *Dramas de Princesas: A Morte e a Donzela* (2015), *Woyzeck 1978* (2014), *Húmus: Tríptico#2* (2014), *Quarteto* (2013), *Pregação* (2012), *Mecânica das Paixões* (2012), *Tête de Meduse* (2010), *da beleza ou o sistema nervoso dos peixes* (2009), e *Miss Puss / Mestre Gato* (2007). No teatro trabalhou com Ivica Buljan, Rogério de Carvalho, Amândio Pinheiro e Anabela Mendes, entre outros. É membro do Centro de Investigação em Artes e Comunicações (Universidade do Algarve / Instituto Politécnico de Lisboa).

Anabela Mendes (1951) é germanista. Ao longo de cinquenta anos ensinou Literatura e Cultura de Expressão Alemã, Estética e Filosofia da Arte, Estudos de Teatro. É tradutora literária, dramaturgista, escreveu e encenou textos teatrais. Dedicou à estética radiofônica na República de Weimar e no nacional-socialismo a sua dissertação de doutoramento. É viajante de longo curso.

Ângela Orbay é Designer Têxtil/Mestra de Guarda Roupa/Professora e Investigadora. Actuando em diversas áreas e projetos em ambientes multidisciplinares. Em construção de Guarda-Roupa para Teatro, Música e Dança, Televisão, Cinema e Publicidade. Para instituições, empresas e privados, nomeadamente; Media Capital, RTP2, Ambar filmes, Granular, Instituto ciência Viva, Boca de cena produções Teatro Musical entre outros. Em Conservação / Restauro de tapeçaria Antiga e Indumentária. Formadora de identificação de tecidos e malhas/ Curso de design de Moda Modatex Lisboa. Como investigadora de têxteis nas artes performativas, coloca os “Têxteis em Foco” desenvolvendo um caminho de desvendamento e questionamento, teórico/prático / filosófico e Artístico. É formada em Têxteis artísticos (Escola de Arte Massana). E Design Têxtil/ Moda (Modatex Porto/ Lisboa).

Carlos Arroja. Formado como Técnico de Som e Iluminação. Frequentou um Seminário Internacional de Formação Teatral, Curso de Luminotecnia, com Baltazar Patiño, do Teatro Galán. Técnico e operador de luz e som em várias companhias e festivais em Portugal e no estrangeiro. Formador em diversas áreas técnicas. Exerceu o cargo de responsável técnico da EGEAC no Fórum Lisboa e Cinema São Jorge. Em 2008 lecionou na Universidade de Évora, a disciplina Desenho de Luz. Atualmente leciona no Quorum Ballet. É diretor técnico e membro da direção do *teatromosca*.

Catarina Graça. Figurinista e cenógrafa. Frequentou o Mestrado de Ensino em Artes Visuais na Universidade de Lisboa. Licenciada em Teatro ramo Design de Cena pela ESTC. Frequentou o curso de Alfaiataria na Modatex. Figurinista do espetáculo “O Impromptu de Versalhes” de Molière com encenação de Miguel

Loureiro e “A Origem das Espécies” a partir de Charles Darwin apresentados no Teatro Nacional D. Maria II.

João Maio Pinto nasceu no Caramulo, em 1974. Licenciou-se em Design de Comunicação, na Faculdade de Belas Artes do Porto e, desde então, tem desenvolvido uma carreira como ilustrador e designer gráfico, colaborando com diversas publicações e editoras: *Observer*, *Internazionale*, *Blitz*, *Silva!Designers*, *Público*, *Groovie Records*, *gráfica M2*, *Rock Bar Sabotage*, *Abysmo*, *Terratreme*, *Equations/Lovers & Lolypops*, entre outros. É também professor no departamento de Design da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

Maria Carneiro (1988) licenciada em Estudos Artísticos variante Artes do Espetáculo pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, estagiou no The Centre for Performance Research. Concluiu o Mestrado em Teatro – Encenação, Produção na Escola Superior Artística do Porto. Foi assistente de encenação de Kirsten Delholm na companhia Hotel Pro Forma. Entre 2016 e 2022 foi coordenadora de produção do Teatro da Trindade INATEL, e assessora da direção, a partir de 2019. Em 2019 completou o Master of Management in International Arts Management. Desde 2014 colabora com o *teatromosca* em diferentes funções.

Paula Garcia, atriz e criadora portuguesa. Em teatro, cinema e televisão, trabalhou com Rogério de Carvalho, Alexandre Pieroni Calado, Nuno Cardoso, António Augusto Barros, Sílvia Brito, Paulo Lage, Sofia Lobo, Ágata Pinho, Joana Linda, Renata Sancho, Wagner Borges, Tiago Boto, Alison Murray, Atom Egoyan, Inês Oliveira,, André Godinho, João Nicolau, Marco Pontecorvo, Patrick Mendes, Mariana Gaivão, Leonardo António, Carlos Conceição, Manuel Pureza, Ivo Ferreira e Simão Cayatte, entre outros.

Pedro Alves (1979) cofundador e codiretor artístico do *teatromosca*, onde tem desempenhado funções de ator, encenador e produtor. Licenciado em Estudos Artísticos, na variante de Artes do Espetáculo, e Mestre em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Colaborou companhias de dança na função de dramaturgista e na direção artística. No *teatromosca*, dirigiu, mais recentemente, os espetáculos “Moby-Dick”, “O Som e a Fúria”, “Fahrenheit 451”, “Kif-Kif” e o projeto “MODOS DE VER”, “Ned Kelly”, vencedor do Prémio Autores para Melhor Trabalho Cenográfico da SPA – Sociedade Portuguesa de Autores, e nomeado como Melhor Texto Português Representado. Em 2021 escreveu e encenou o espetáculo “Maridos” a partir do filme “Husbands” de John Cassavetes.

Pedro Silva. Mestre em Teatro – Especialização Design de Cena (2015) pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Desde adolescente que ambicionava ser arquiteto ou algo parecido que envolvesse o desenho, não esperando que o seu percurso académico o conduzisse à Cenografia. Míope por natureza, o observar é uma atividade que pratica no dia-a-dia, procurando “focar” o mundo que o rodeia e pensar sobre o que vê. Nos mais pequenos detalhes. Pois é neles que se encontra o diabo. Recebeu o Prémio Autores 2021,

atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores, na categoria de Artes Visuais, com o Melhor Trabalho Cenográfico pelo projeto “NED KELLY”, uma produção do *teatromosca*.

Rita Morais. Estudou Interpretação no Balletatro (2006-2009), licenciou-se em Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema em 2012 e fez um Mestrado em Teatro na RITCS em Bruxelas (2014/2015). Participou em inúmeras produções em Portugal e no estrangeiro (Bélgica, Austrália, Alemanha, Polónia, Itália, França, Espanha, Suíça e Brasil). Funda o coletivo SillySeason, onde trabalha como codiretora e atriz de 2012 a 2016. Recentemente foi encenadora/criadora e atriz em “Showroom” (2022) e “Mitos, Lendas e Folclore” (2022). Trabalha regularmente com Joana Cotrim (“Noite e Dia”, “A Família”, “Três Irmãs”), com quem gere a estrutura artística O Clube desde 2018.

Vera San Payo de Lemos, investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Docente de Alemão, Didáctica, Tradução e Estudos de Teatro na FLUL (1975-2021). Tradutora e dramaturgista de ópera e dramaturgia contemporânea no Teatro Aberto em Lisboa (1980 até hoje). Prémio da Crítica (2003), Medalha Goethe (2006).

Co-criadores que trabalharam a obra teatral: *Der Tod und das Mädchen I-V Prinzessinnendramen [A Morte e a Donzela I – V Dramas de Princesas]* de Elfriede Jelinek

Alexandra Viveiros
Alexandre Pieroni Calado (versão dramática, encenação e interpretação)
Anabela Mendes (tradução)
Gustavo Salinas Vargas
João Chicó (Direcção técnica)
João Ferro Martins (concepção plástica e espaço sonoro)
João Seiça (realização vídeo)
Marta Rema (produção Artes e Engenhos)
Miguel Pacheco Gomes (desenho de comunicação)
Paula Garcia
Sandra Hung
Simão Pamplona (assistência de encenação)
Sofia Dinger

Co-criadores que prepararam *Die Schutzbefohlenen* [*Os Protegidos*] da referida autora austríaca

Anabela Mendes (tradução e dramaturgia)
Pedro Alves (direcção artística)
Maria da Rocha (banda sonora original)
João Pedro Leal
Philippe Araújo
Rafael Barreto
Rita Morais
Pedro Silva (cenografia)
Catarina Graça (Figurinos)
Esther Latorre e Hugo Pereira (direcção de movimento)
João Henriques (l Apoio de voz e texto)
Carlos Arroja (direcção técnica, desenho de luz e operação)
Diogo Graça (apoio técnico)
Inês Oliveira (direcção de produção)
Maria Carneiro e Milene Fialho (assistência de encenação)
Catarina Lobo (fotografia e produção executiva)
Rosário Balbi (costureira)

Nota sobre direitos de autor e outras indicações²

Encontram-se presentes neste dossier ensaios e outros textos de Elfriede Jelinek que extrapolam o âmbito de selecção dos textos dramáticos escolhidos para encenação em Portugal e que estiveram sujeitos a legislação sobre direitos de autor e direitos conexos. Esses outros textos a que se alude, estão associados a fins pedagógicos e dramáticos, sendo, portanto, de utilização restrita.

Acresce, no entanto, dizer que, tal como acontece com os textos dramáticos, estas escolhas extra-cénicas e independentes das encenações são também objecto de tradução para português, como aliás tudo o que tem a ver com este dossier, uma vez que o conhecimento da língua alemã não é opção da maioria dos leitores e espectadores de obra de Jelinek em Portugal. O estudo das criações desta autora é maioritariamente feito através de tradução.

Considerando que este critério – uso de outra língua que não a original – se transforma num factor de valorização dos textos de Elfriede Jelinek, e considerando também que a maioria dos tradutores prescinde de direitos de

² Anabela Mendes escreve segundo o anterior acordo ortográfico.

autoria e de representação, encontramos uma invulgar situação muito colaborativa entre tradutores e artistas, a partir da escrita da autora austríaca e associada à capacidade de alcançar extraordinárias soluções-milagre na produção textual de Jelinek em língua portuguesa.

Tendo à sua disposição um pequeno Arquivo Jelinek, em língua portuguesa, que abarca o período de 2012 a 2024, e que diz respeito a distintas opções de abordagem da obra da autora austríaca, verifica-se que o acesso de estudantes, académicos, artistas, curiosos leitores a este material acontece de forma livre.

No estrito respeito por uma legislação em vigor, igualmente a nível internacional, a nossa posição nesta matéria inspira-se num modelo dual que procura reforçar, quer a tradução, quer a representação, justificando uma abordagem das obras em estudo e a dois tempos. Existe um pressuposto oficial que é seguido em direitos de tradução e de representação, sem que sejam postos em causa os diferentes conjuntos de outros textos de uso mais ou menos restrito, e que permitem naturalmente alargar o conhecimento sobre o que a autora pensa e escreve.

O exercício de tradução comum a todos os textos orienta-se, aliás, pela necessidade e pela oportunidade exercidas em função de determinadas unidades textuais que servem a pedagogia, a dramaturgia, a encenação ou qualquer outro desígnio que a escrita de Jelinek inspire. Deste ponto de vista, os direitos de autor e direitos conexos dão lugar a uma figura não jurídica neste contexto: **a da troca de bens**. Trata-se de um procedimento com raízes medievais que tentamos recuperar, quando o dinheiro tinha outra avaliação.

Assim, a documentação que diz respeito à ensaística de Elfriede Jelinek e que aqui se encontra, por exemplo, para lá dos textos dramáticos escolhidos e utilizados em encenações, aparecerá também sob a designação de ©, copyright, seguida pelo nome da autora, pelo correspondente título e data de produção, tal como é apresentada na sua página da internet. <https://original.elfriedejelinek.com>.

Todas as imagens visuais e/ou auditivas, vídeos e outros materiais com autoria explícita e conhecida, e que sejam utilizados nesta edição, serão indicados sempre para que deles haja conhecimento.

A este respeito salienta-se a presença de obra fotográfica de Sebastião Salgado, Nuno Felix da Costa, Catarina Lobo, João Maio Pinto, João Ferro Martins e de outros artistas-fotógrafos, cuja identificação se oculta em nome qualquer, ou em anónimo jeito de obra publicada, exposta ou proveniente de arquivo, e que integrará maioritariamente as secções dedicadas a *Die Schutzbefohlenen* [Os Protegidos] e a *Der Tod und das Mädchen I-V: Prinzessinendramen* [A Morte e a Donzela: I-V: Dramas de Princesas] entre outras, quer como escolha de Elfriede Jelinek, quer como opção dos colaboradores deste dossier.

As imagens visuais escolhidas para figurarem nesta publicação valem por si e projectam também sentido, quando associadas a textos ensaísticos e teatrais da autora, ou quando se tornam presentes na produção escrita e oral dos investigadores e artistas portugueses ligados a este volume.

Não esqueçamos, porém, que opções estéticas e formais já anteriormente tomadas no uso de imagem em obra publicada, podem reflectir, por exemplo, como um caso de sobreposição de artes se torna num exercício de composição. Veja-se o que demonstra o artista José Miguel Reis, que apresenta trabalho fotográfico sobre fotografia da actriz Alexandra Viveiros na peça *Branca de Neve*, da série das Princesas. O que acontece é resultado de uma acção colaborativa entre artes e sem que haja intervenção de direitos autorais. Impera o bom-senso neste gesto criativo.

O diálogo que se foi estabelecendo entre texto e imagem como princípio comum resultou de uma prática informativa de cedência geral dos direitos de autoria. Essencialmente aos fotógrafos mencionados foi pedido que aceitassem partilhar com outros artistas e investigadores o espaço do dossier através dos objectos da sua específica arte. A todos agradecemos a generosa colaboração. Gostaríamos de contactar por escrito Sebastião Salgado, apesar de muitas das suas imagens, que também e obviamente figuram em livro, se encontrarem na Internet.

É de considerar, no contexto desta publicação, que o que se poderá alcançar como valoração articulada entre textualidade, visualidade e oralidade deriva da liberdade de acção e execução dos respectivos autores ao celebrarem com Elfriede Jelinek um caminho científico, artístico e pedagógico resultante do que se dá e do que se recebe em cada tomada de posição e de decisão. Integra esta metodologia a possibilidade de livremente se poder visualizar e escutar materiais produzidos no seio dos diversos trabalhos artísticos e que guardam sobretudo as encenações em fases de ensaio ou como registos definitivos após a estreia do espectáculo. A abertura à circulação destas unidades composicionais é expressão do que poderá vir a ser objecto de troca num contexto de bens disponíveis.

Questões relacionadas com o domínio autoral das produções apresentadas, dependem exclusivamente da vontade dos encenadores, suas equipas e teatros envolvidos. Prevê-se que Alexandre Pieroni Calado e Pedro Alves disponibilizem cópias das produções encenadas ou materiais substitutos das mesmas. Para os restantes encenadores, Emanuel de Sousa e Nuno Carinhas, facultam-se contactos com os próprios ou com os lugares onde foram apresentados os respectivos espectáculos.

Importa por fim referir que Elfriede Jelinek tem hábitos peculiares no que concerne à apropriação de imagens visuais e outras, como é o caso, por exemplo, de citações, que integram há muito a generalidade das suas produções. À autora basta apenas dar a ver uma ideia através de imagem visual como reforço do que pretende explorar com inquietante escrita. À visualidade junta-se a utilidade do que se capta e que é representativo do anónimo, do horizonte dos que sofrem (a sua compaixão é incomensurável) e que são uma massa de gente em risco, sem rostos nem corpos firmes e que a imagem visual fixa. Imagens deste tipo, retiradas não sabemos de onde, povoam as primeiras ver-

sões de *Os Protegidos* mas também outras obras como imagens-fetice, talvez como uma referência que ajusta a partitura escrita às partituras visual e sonora, quando é o caso. Cada nova versão textual traz consigo visualidade e sonoridade próprias, complementos do texto em desenvolvimento, que entram e saem com alguma dificuldade, se apresentam com e sem legendas, exibem ou não autoria. De forma livre Elfriede Jelinek ajusta as suas obras ao que lhe é caro e necessário, jogando a seu favor com o que está disponível em mercado global, muitas vezes num registo crítico, como é o caso do que a autora pensa do seu país de origem.

Na sua página pessoal, acima indicada, Elfriede Jelinek resolveu cruzar fotografias de autoria não identificada dos acontecimentos relacionados com o episódio dos refugiados, em 2012, na Áustria, com outras imagens de pintura europeia, com e sem legenda, e que assim legitimou através de um outro olhar sobre um assunto à época actual e que assim se mantém.

Dispersas entre os textos suplementares dedicados a *Os Protegidos*, as imagens escolhidas não expressam a regular necessidade de reconhecimento de autoria. Em alguns casos a questão dos direitos de autor não se colocará dada a antiguidade das obras e sua representação exposta. Noutros casos, porém, a informação sobre a imagem está presente e reforça o seu reconhecimento como objecto. O diverso tratamento projectado nas imagens, sem qualquer preocupação explícita associada à dimensão autoral que as mesmas possam requerer, atribui-lhes um lugar funcional mais do que jurídico. O código de citação de obra de outros e os direitos de autoria de imagem são para Elfriede Jelinek um espaço de apropriação, encontro e integração em obra própria.

No final de cada texto dramático aparecem, geralmente e de forma solta, os títulos de obras e autores que a inspiraram. *Os Protegidos* terminam assim:

Ésquilo: As Suplicantes Ministério do Interior, Secretariado de Estado
para a Integração: Viver em conjunto na Áustria
Ovídio: As Metamorfoses
E uma pitada de Heidegger, é obrigatória, pois sozinha não chego lá.

Em tom doméstico e sarcástico a autora estende sobre a relva a toalha e por cima dela o que a alimentou. Familiarmente. Sem quaisquer barreiras.

E se estas páginas não bastaram para implementar e defender a figura da **troca de bens** que apoiamos, podemos sempre recorrer ao indicativo da revista *Dramaturgias*, abaixo exposto, e que salvaguarda veementemente o acesso pleno à publicação, como o confirma o seu director, o Professor Marcus Mota da Universidade de Brasília.

Uma vez mais recebemos, da parte do nosso ilustre colega e amigo, o benefício de podermos organizar um dossier temático no seio da revista *Dramaturgias*. Desta vez manifestámos o interesse de dedicar a Elfriede Jelinek e a parte da sua obra o tempo e o espaço que a fizeram circular, entre 2012 e 2024, por Portugal, e que talvez prevejam a continuidade desse entendimento.

Queremos, assim, estabelecer diálogo com leitores e espectadores no Brasil, e em outros territórios deste planeta, onde o português seja língua franca e não apenas oficial. Será a esses anónimos falantes, a todos eles, que desejamos transmitir as nossas escolhas e experiências com obra da escritora austríaca e prémio Nobel da Literatura em 2004.

Partilhamos, assim, com quem criamos encontro e através do acto de traduzir, o acesso a obras que nascem noutra língua e que se nos tornam universais pelos temas e assuntos que reconhecemos na literatura e nos mitos da Europa. Jelinek sabe como ninguém dar tratamento à literatura antiga, convocando-a para trama actual e que com ela se confunde.

O que resultou dos nossos encontros com a escrita de Elfriede Jelinek poderia ter-se tornado numa ignorância nossa, poderia ter ficado como um rasgão no tecido das obras dela. Infelizmente e apesar de termos desejado ter tido um encontro com ela - uma extraordinária mulher -, tal nunca aconteceu. Transformámo-nos apesar de tudo. Por nós e por ela.

Anabela Mendes 11.4.2024

Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre, gratuito e imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização do conhecimento em nível internacional. Assim, não será aplicada qualquer taxa quer a leitores, quer a autores.

Os artigos disponibilizados pela revista, exceto quando houver indicação expressa do contrário, estão licenciados sob uma **Licença Creative Commons** do tipo atribuição BY-NC.

<https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/about>

A abrir...

Aqui se expõe o que nos une e nos distingue de uma forma simples, se considerarmos que um índice pode ser tão útil quanto limitador. Arriscamos dar a ver um índice que opera entre o caos e a ordem, mas que indicia a apresentação sequenciada de todas as matérias de forma adequada. Os diversos lugares ocupados por Elfriede Jelinek na tradução, dramaturgia, encenação, representação e de forma destacada no espaço experimental da academia têm sido claramente opções que agora figuram no nosso índice e que permitem total aproximação a algumas das obras da autora no espaço cênico-literário português. Fizemos destaques, incluindo, por exemplo, o que pensa Jelinek sobre guerra, e até reduzimos a importância de encenações que não acompanhámos ou não vimos. Ao longo de 12 anos (2012-2024) passámos a poder confiar num índice que ajudámos a construir e que traçámos como caminho.

E no índice delegámos o nosso entendimento acerca das diferentes obras da escritora austríaca com as quais escolhemos trabalhar. E o que foi acontecendo ganhou porte porque as motivações bem diversas em cada um foram por nós animadas e bem recebidas na dificuldade que consiste em matizar de forma incerta caos e ordem.

Experimentámos ao longo de todo este tempo Jelinek na academia, Jelinek em colóquios e mesas-redondas, Jelinek como assunto em entrevista para televisão, Jelinek em palco, Jelinek na mesa de trabalho de cada um e em mesas várias, Jelinek em vídeo e e-mails, ao telemóvel, em viagens de comboio e automóvel, na praia e na montanha, numa chávena de chá, num sumo natural.

Poderíamos hoje já ser analistas-especializados sobre o que pensa e escreve Jelinek. Ao contrário disso, continuamos, alguns de nós, a demanda pelos velhos e pelos novos textos da autora e que, uma vez escritos e dados por finalizados, o que nem sempre acontece como se espera, nos mobilizam como questão destinada a fazer-nos compreender o que tanto nos inquieta, e a ela também. Assim acreditamos, vindo de realidades que nos chocam (ataques terroristas, crises bancárias, tragédias de refugiados, guerras em curso, alterações climáticas, dor de se ser cinza, tudo assuntos que nos submergem e desorientam, e sobre os quais Jelinek escreve de forma disciplinada. Nós, os incapazes de olhar em frente, os perdidos no meio de crescente infelicidade que captamos à distância, optamos por reduzir a dimensão dos problemas com que Jelinek se debate e para os quais está sempre a requerer a nossa atenção. Ao serem contempladas interiormente, as coisas devolvem o olhar, as coisas interpelam-nos até que deixem de nos contemplar e de nos interpelar. Perante a dimensão estremada daquilo que está a acontecer, já aconteceu ou retorna sob um manto de sombras inexpugnável, Jelinek não pára de tomar o pulso a realidades múltiplas, quase incontroláveis e profundamente questionáveis. Um índice armazena o narrar e a sua antítese.

E é assim que olhamos para a nossa autora, sempre inquieta, sempre comprometida, muito orientada, talvez porque a sua natureza se multiplica em variantes que nela inscrevem a música, a formação musical, a execução instrumental infindável como a escrita que dá voz a questões graves, e sobre as quais Jelinek avança, em primeiríssimo lugar, condicionando a própria realidade que lhe é superior. Mas como é que isso acontece? Como descansa ela? Como se matizam nela o caos e a ordem?

Quase arriscaríamos dizer que estamos em presença de alguém que não desiste nem resiste, embora saiba que desistir é apenas uma suspensão. É como se a pudéssemos contemplar no lugar de porta-bandeira de uma luta sem fim. A sua voz faz-se ouvir num tom acima dessa própria realidade e acima dela mesma.

Gostaria de ter confiança em mim mesma para finalmente poder sair de mim mesma. Mas estou sempre a evitar isso e muitas vezes confio essa confiança às personagens do teatro. Então não ficarei tão decepcionada se elas, como se diz, confiarem?, se abusarem dela. Neste caso, isso significa que elas confiam em mim, mas ainda assim não fazem o que eu quero. Ou elas não confiam em mim, então no final de tudo o que posso fazer é confiar em mim mesma, o que não tem nada a ver com autoconfiança. Não tem mesmo nada a ver. O caos irrompe, não, não irrompe, ele está aí. Então o caos está aí, quer dizer que estava aí, e agora é o querido caos, que eu não suporto, mas talvez outros gostem dele, você gosta?, pode tê-lo aqui!, ou seja, acolá. Ele vem a correr, à vontade por aqui, foi isto que percebi do caos. Ainda há muito caos. Quem já leu um artigo como este sabe: é demais, é demais. A arte deveria agora finalmente criar ordem, porque eu isso não faço, é qualquer coisa que me é realmente estranha: ordem.³

Aconteceu no Doclisboa do ano passado a exibição de um filme da realizadora Claudia Müller sobre Elfriede Jelinek. Chama-se a obra *Elfriede Jelinek - Language Unleashed* [Linguagem desenfreada], no original em alemão *Elfriede Jelinek – Die Sprache von der Leine lassen* [Soltar da trela a linguagem]. Em ambas as opções o título consagra o lugar da liberdade a que a linguagem tem direito, sem que esta seja posta de lado como livre associação de ideias. No filme de Claudia Müller o espectador vê transferido para a tela o que Jelinek rejeita a propósito de uma certa Áustria transfigurada e alvo de grande desonra pública através de animalidade, boçalidade, obscenidade. (Ver trailer do filme)

³ Es ist Sprechen und aus [É falar e sair], excerto de ensaio curto de © Elfriede Jelinek, Saudações ao congresso de aniversário dos 125 anos do Burgtheater (11 a 13 de Outubro de 2013).

E é justamente em nome desta representação da Áustria que não aguenta ter em Jelinek uma premiada com o Nobel da Literatura em 2004, que a autora é apresentada não por relações causais mas porque as coisas são assim e não de outra maneira. Como uma espécie de caos em movimento nasce um seu retrato, a fortes pinceladas e em registo caricatural: «Criança prodígio, autora escandalosa, fúria teatral, feminista, amante de moda, comunista, pessimista, terrorista da linguagem, rebelde, gênio, artista vulnerável.»⁴

Entre o caos e a ordem trabalham Jelinek e Müller por camadas, por processos associativos, montando obra que é em si contraditória, tal como acontece com a própria Áustria, o lugar em que a morte avança a galope de todos os lados ao mesmo tempo.



© Sebastião Salgado, fotografia de três crianças, da série Êxodos, 2000

⁴ Claudia Müller, Elfriede Jelinek - Language Unleashed, Áustria |Alemanha, 2023, 97'. <https://tinyurl.com/5b6tsjke>